

Apresentação do Dossiê

Anderson da Silva Almeida

Doutor em História Social e professor da Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Cesar Martins de Souza

Doutor em História e professor da Universidade Federal do Pará - UFPA

Chega às mãos e às telas dos leitores e leitoras o número 37, vol. 19, da Revista *Navigator*. O Dossiê *Populações ribeirinhas, marinheiros, marítimos, estivadores, trabalhadores do mar e embarcações típicas das regiões Norte e Nordeste do Brasil* tem como objetivo principal apresentar pesquisas que apresentem diálogos entre os diversos campos do conhecimento – literatura, história, memórias e trajetórias biográficas –, tendo as regiões Norte e Nordeste do país como cenários, quer de forma direta ou de maneira indireta. Nesse sentido, as gentes das barrancas, das águas, das margens, do convés, das praias e do cais pedem passagem e aparecem com destaque nas páginas seguintes.

O porto de origem dessa viagem historiográfica nos convida a “largar espias” da região Norte do Brasil. Os “mapas” consultados pela historiadora Carla Oliveira de Lima – doutora em História das Ciências e da Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz/ Fundação Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) e professora convidada da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) – apontam a presença da dupla de naturalistas ingleses Henry Bates e Alfred Russel Wallace em trânsito pela Amazônia, na primeira metade do século XIX. O artigo de Lima nos conduz a um verdadeiro deslocamento através dos relatos por eles publicados, no qual aparecem embarcações, personagens e paisagens que a autora identifica como estruturas materiais e sociais da região amazônica, mais detalhadamente “o clima, as relações culturais, a geografia, as estruturas de moradia e de mobilidade indígenas”.

No ancoradouro seguinte, apresentamos um texto escrito a quatro mãos. Do passado, o professor da Universidade Federal do Pará (UFPA/ Campus Bragança) César Martins de Souza e a pesquisadora Jocenilda Pires de Sousa do Rosário (UFPA) dedicam-se a analisar duas obras que tiveram o Rio Xingu como personagem ou paisagem. Escritas em momentos distintos, *Viagem ao Xingu*, assinada pelo naturalista francês Henri Couderau em 1896, e *A Batalha do Riozinho do Afrísio*, publicada pelo literato André Costa Nunes em 2003, são os textos pericidados. Nas tintas de César M. de Souza e Jocenilda P. do Rosário, a constatação de que, mesmo com a distância temporal entre as publicações, é possível, a partir delas, “compreender o cotidiano e os dramas de populações

ribeirinhas, indígenas, urbanas e dos seringueiros que vivenciaram diferentes histórias na região, enfrentando batalhas e massacres no final do século XIX e início do século XX, em processos históricos que levaram a profundas transformações no Xingu”.

O terceiro artigo tem as assinaturas de Davi Avelino Leal, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Caio Giuliano de Souza Paião, da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Trabalhando no recorte temporal que transita do final do oitocentos para o início do século XX, os autores se debruçaram a consultar relatos de viajantes, fontes da imprensa, romances e os chamados documentos oficiais produzidos sobre a criação e o cotidiano dos “portos de lenha”, uma referência aos núcleos ribeirinhos responsáveis pelo abastecimento das embarcações movidas a vapor “presentes nos rios que escoavam os principais produtos de exportação da época” da região amazônica. No referido texto, o destaque para a experiência dos trabalhadores e o impacto ecológico da navegação a vapor naquela região.

Os Estivadores e o Movimento Operário em Manaus (1899-1925) é o título do quarto texto de Luís Balkar Pinheiro e Maria Luísa Ugarte Pinheiro, professores da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que investigam, analisam e escrevem sobre a “organização, mobilização e luta operária” dos estivadores do porto de Manaus ao longo da Primeira República, também chamada de “República Velha”. A partir das premissas teórico-metodológicas da História Social do Trabalho, os leitores terão acesso a uma instigante análise sobre “diversas greves deflagradas pela categoria entre os anos de 1899 e 1925, vendo nelas um rico e lento processo de dinamização da consciência operária e das lutas por direitos e pela cidadania no país”.

Anderson da Silva Almeida parte do Nordeste, mais precisamente das águas turvas do Rio Sergipe – ou “Rio dos Siris” –, nome que batiza o menor estado do país. Foi lá, na pequena cidade de Japarutuba, que nasceu um dos personagens mais estudados do período republicano brasileiro, tanto no campo das artes quanto no que diz respeito aos mistérios da psiquiatria. Trata-se de Arthur Bispo do Rosário, o “senhor do labirinto”. No texto elaborado especialmente para este Dossiê, o professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) investiga uma das faces menos conhecidas de Bispo do Rosário: seu passado como marinheiro e pugilista de destaque na cidade do Rio de Janeiro, na década 1928-1938.

Chegando ao porto de destino, o historiador Raul Coelho Barreto Neto – experiente pesquisador dos naufrágios navais no litoral nordestino durante a Segunda Guerra – nos brinda com o belo e original artigo *Espreitando cardumes de aço: os pescadores e marítimos baianos na Segunda Guerra Mundial*. A partir de uma análise da historiografia especializada, em cruzamento com as notícias divulgadas tanto por periódicos de maior circulação quanto por veículos de caráter mais especializado, Barreto Neto nos apresenta um importante panorama das presenças de pescadores, marítimos e praieiros baianos atuando como sonares humanos “à espreita de ‘cardumes de aço’”, a salvar vidas nos tempos de refrega.

Perder essa singradura será considerado falta grave. Tocou apito!

Prof. Dr. Anderson da Silva Almeida (UFAL)

Prof. Dr. César Martins de Souza (UFPA)

Organizadores